

Menos sempre é mais

por Jorge L.S. Nunes

A ciência exerce uma atração universal notória porque está sempre presente nas nossas vidas, mas também mostra distanciamento abissal por parecer inatingível na maioria das vezes que nos é apresentada. Diante destas contradições sobre a ciência é possível que haja pré-conceitos entre as suas inúmeras formas?

Quando você inicia sua vida acadêmica é certo que viverá muitas experiências, pois a universidade catalisa as novidades e opções por meio de incontáveis interações. Claro que você ainda não é um cientista, mas a cabeça está em ebulição produzindo muitas ideias e sem limite. Diante da ansiedade para experimentar a forma de fazer ciência é claro que você estará onipresente nos locais em que as descobertas científicas estão sendo apresentadas: palestras, seminários, congressos e por aí afora.

Você olha para o lado e parece acontecer o mesmo com seus colegas de turma. Pronto, o vírus da ciência está implantado e um dos seus primeiros sintomas parece observar a rotina dos professores nos laboratórios. Além disso, as atividades do campo também têm um chamariz que seduz pelo

fato de assistir processos ecológicos no seu ambiente natural e ao vivo. Sensacional! Será igual aos documentários da televisão? Durante muitos anos as imagens produzidas por Jacques Cousteau dominaram meus sonhos e agora estaria muito próximo de realizar meus sonhos!

Inicialmente o medo que antecipa os momentos de desafios tomou conta de mim. Parece que aquela explosão de perspectivas freou meus anseios. Vi meus colegas de turma conseguindo as oportunidades tão esperadas para começar a fazer ciência nos mais variados laboratórios e linhas de pesquisa. Congelei!

Revisei meus conceitos e atitudes em busca de algo que eu estivesse confortável para encarar e começar. O grupo escolhido foi o das bactérias e assim, passei a consumir tudo aquilo que abordava este assunto, como cursos, disciplinas, congressos, artigos científicos, rotina de laboratório e as longas conversas com os professores, que me deixavam ainda mais encantado.

Estava tudo indo muito bem até que surgiu um daqueles convites inesperados. Um grande amigo que iniciava um estudo de morfometria com tubarões me pediu que lhe ajudasse em uma das tarefas do seu trabalho de laboratório que acabara de ingressar. Após alguns dias, o mesmo amigo solicitou ajuda novamente e assim perdurou por mais algumas ocasiões. A parceria já era afinada pela amizade e pareceu render bem

neste trabalho de laboratório. Não demorou a surgir um convite de trabalhar juntos. No primeiro momento a ideia seria aplicar os testes de antibiograma* em tubarões e descobrir a microbiota associada. Realmente parecia ser uma boa ideia, mas tive que aguardar mais alguns meses para começar o trabalho oficialmente porque a professora coordenadora do projeto e do laboratório estava em licença maternidade.

Enfim o momento aguardado chegou, mas a ideia inicial não prosperou e comecei estudar morfometria de raias. Como primeiro passo da cadeia de estudos que estava em vigor no laboratório iniciava com a morfometria a identificação das espécies que passaram a ficar sob minha responsabilidade também. A minha falta de atenção sempre destacada por professores no ensino básico estaria com os dias contados, pois a identificação de espécies não combina com esse tipo de deficiência porque a análise anatômica e morfológica dos exemplares deve ser extremamente meticulosa. Por outro lado, existem diferenças sutis entre as espécies que lembravam um jogo dos sete erros e às vezes o jogo elevava o nível de dificuldade. Neste caso é onde mora o perigo, por que a repetição que ao mesmo tempo garante a segurança, às vezes trai gerando cegueira.

Para evitar erros assim costumo adotar que estou vendo o animal pela primeira vez e analiso tudo do princípio, pois

como mencionei é possível passar algo grotesco pela vistoria mal feita.

Um caso interessante foi sobre a presença de uma nadadeira na cauda de uma raia que em tese não deveria ter. Lógico que tal característica foi notada por quem não estava acostumado. O que pensar diante disso? De fato, era algo inusitado em uma espécie conhecida, mas também digno de um registro científico por se tratar de uma malformação congênita na raia-borboleta (*Gymnura micrura*). Situações como essa se repetiram e continuarão a se repetir, como aconteceu com as duas espécies de tubarões conhecidas como gralha-preta, *Carcharhinus brevipinna* e *C. limbatus*, recentemente também passamos pela mesma situação para a resolução entre as espécies de raia-ticonha (*Rhinoptera bonasus* e *Rhinoptera brasiliensis*) e as raias-viola (*Pseudobatus percellens* e *Pseudobatos letiginosus*).



Raia-viola camuflada junto ao substrato. Crédito: Cláudio L. Sampaio

Esse começo arrebatador teve uma pausa quando outros assuntos também despertaram minha curiosidade. Literalmente fui movido a explorar novos mundos, com dimensões e relações ecológicas diferentes com a meiofauna durante o mestrado. Em seguida, as ferramentas de estudo morfométricos que me abriram as portas da ciência me mostravam não apenas o caminho para meu doutoramento, mas me levaram para um novo começo com os elasmobrânquios. Depois de muitos anos aproveitei os dados que estavam dentro da gaveta desde o período da minha

iniciação científica juntamente com novos pretendentes à cientistas, assim como eu na época da minha graduação. Este estudo não apenas gerou uma publicação sobre dimorfismo sexual em três espécies tubarões, mas foi uma grande celebração entre meus primeiros alunos interessados no assunto com a minha antiga orientadora, quase como um grande ritual de iniciação que permite a transmissão do conhecimento dos mais experientes para os mais novos.

Uma das questões de buscar estudos e grupos diferentes no meio a uma visão holística tem sido sustentada pelo desequilíbrio lógico entre a diversidade e o seu conhecimento. A região onde atualmente resido propicia infinitas formas de ver a natureza, bem como as várias formas de estudá-la. Assim, comecei a valorizar a diversidade local com um carinho maior, focando aquelas espécies que a priori estariam presentes apenas aqui e/ou que estivessem negligenciadas. Foi desta forma que nasceram alguns estudos sobre as espécies que possuem status populacional ameaçado de extinção e despertando o interesse da comunidade científica para as espécies de elasmobrânquios amazônicos.

Para pensar e fazer ciência nem sempre é necessário ter ideias e estruturas surreais, mas o pré-requisito é ter sempre boas histórias para contar e argumentos para desenvolvê-las, pois sempre que o essencial for o bastante, menos sempre será mais, pois “a simplicidade é a maior forma de sofisticação”.